



## **Educação e Diversidade: o Candomblé na Escola**

Autor (1); Ana Vargas Ferraz

*Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- Campus Vitória da Conquista - Bahia;*

*E-mail [naninha\\_vargas@hotmail.com](mailto:naninha_vargas@hotmail.com)*

Co-autor (2); Lúcia Ferraz Vargas de Souza

*Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- Campus Jequié - Bahia;*

*E-mail [aguiafvs@yahoo.com.br](mailto:aguiafvs@yahoo.com.br)*

Co-autor (3) Magali Silva Oliveira

*Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- Campus Jequié - Bahia;*

*E-mail [magaliveira@uol.com.br](mailto:magaliveira@uol.com.br)*

**Resumo:** O presente texto resulta de parte do trabalho de conclusão da Licenciatura em Pedagogia-UESB e teve como objetivo analisar e apresentar o resultado sobre as opiniões dos sujeitos, (alunos professores e servidores) do Centro Educacional Antônio José Alves, escola da rede municipal de Cândido Sales- Bahia, no tangente as religiões de matriz africana, a saber, o Candomblé E ao mesmo tempo, observar se há alunos pertencentes às religiões afro-brasileiras na comunidade escolar, bem como, levantar se está sendo ministrada na escola a disciplina alusiva às tradições afro-brasileiras e africanas que torna obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica. Conforme evidenciado nos resultados da pesquisa, as dificuldades para aplicabilidade da Lei resultam da falta de formação dos professores para trabalharem os temas garantidos por essa, e por esses ignorarem a relevância da história e da cultura africana e do negro na história do Brasil. Reflete também, as dificuldades da sociedade brasileira para lidar com a presença do preconceito e da discriminação racial contra a população negra. Para concluir, ressalto que as questões relacionadas à aceitação e legitimidade das religiões de matriz africana podem também ser pensadas pelo não reconhecimento de que Deus, o Ser Supremo, O Eterno, tem outras maneiras de se fazer presente no meio da humanidade. Os orixás, os inquices, os vondus e os ancestrais constituem-se outras palavras de Deus na história da humanidade.

**Palavras-chave:** Candomblé, Cultura Afro- Brasileira, Sistema Educacional, Pertencimento Religioso.

Atualmente muito tem se discutido sobre o respeito a igualdade, seja ela social ou de nosso direito. Entretanto, o que percebemos é que muito se fala sobre o direito a igualdade e nos esquecemos do respeito às diferenças. Quando olhamos ao nosso redor percebemos que somos todos diferentes. Cada indivíduo com suas particularidades, etnia, credo, cultura, valores e costumes. Somos um povo

diferente e, portanto, precisamos viver com e nas diferenças e no respeito ao outro.

Por entendermos que há uma necessária afinidade entre pesquisador e questão de pesquisa, importante se faz evidenciar a afinidade com a temática que reporta a algumas questões vivenciadas pela pesquisadora. Bem como os desafios de falar sobre a cultura afro-brasileira, intolerância religiosa e preconceito.



# III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

Desde os primórdios do processo de escravidão até a atualidade existe uma perseguição religiosa contra as religiões de matriz africana. Estas religiões possuem diversas denominações regionais sendo conhecida de Candomblé, Umbanda, Xangô, Tambor de Minas, dentre outras. Tais perseguições são convertidas em medos e difundidas por uma máquina de propaganda perversa no imaginário da sociedade.

Assim, o presente trabalho teve por objetivo analisar e apresentar o resultado sobre as opiniões dos sujeitos, (alunos professores e servidores) do Centro Educacional Antônio José Alves, doravante CEAJA, no tangente as religiões de matriz africana. E ao mesmo tempo observar se há alunos pertencentes às religiões afro-brasileiras na comunidade escolar a ser freqüentada. E levantar se está sendo ministrada na escola, disciplina alusiva às tradições afro-brasileiras.

Enquanto profissional de educação, pesquisadora e adepta do Candomblé tenho me questionado se a ausência de temas referentes às religiões de matriz africana seria um despreparo dos profissionais ou se caracterizaria como uma intolerância às religiões afro-brasileiras, que, na maioria das vezes passam despercebidas aos olhos menos atentos. A inexistência de pesquisas

sobre o  
tema na

região abordando as relações entre educação escolar e a intolerância às religiões de matriz africana selou o interesse por este trabalho.

O mesmo foi baseado em três pressupostos. O primeiro é o de que a educação escolar constitui-se em espaço e tempo de formação de identidades sócio-culturais, de reprodução, enfrentamento de preconceitos. O segundo é o de que em vários segmentos da sociedade brasileira encontram-se atitudes de preconceito e de intolerância, com relação aos adeptos e às religiões de matriz africana. O terceiro pressuposto é o de que a hegemonia das religiões de matriz judaico-cristã, discriminação racial e a satanização de entidades espirituais produzem um desvalor às religiões de matriz africana, pelas políticas educacionais e contribui com a indiferença de educadores, diante da experiência de alunos adeptos, que não declaram a religião a que pertencem.

Nesse sentido, fez-se necessário investigar como os alunos, professores e servidores do CEAJA percebem as religiões afro-brasileiras, ao mesmo tempo identificar os alunos pertencentes ou não às religiões afro-brasileiras na comunidade escolar, bem como se os professores percebem a intolerância em relação às religiões de matriz africana. Outra questão observada, diz respeito à forma como a instituição escolar vem trabalhando a



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

disciplina alusiva às tradições afro-brasileiras, identificando se houve mudanças em relação à aceitação das religiões de matriz africana após a obrigatoriedade do ensino de História e cultura afro-brasileira africana.

### **O que é candomblé?**

“O candomblé pode ser definido como uma manifestação religiosa resultante da reelaboração das várias visões de mundo e de Ethos provenientes das múltiplas etnias africanas”, que a partir do século XVI foram trazidas para o Brasil e somente no século XVIII que essa designação vai ser aplicada aos grupos negros organizados (Marcondes, 2000, p. 104).

O candomblé também pode ser entendido como um complexo no qual se verifica um conjunto de significados transmitidos historicamente, reelaborados em novo contexto e que vão dá origem a formas simbólicas específicas, por meio das quais os adeptos transmitem e desenvolve o seu conhecimento e suas atitudes em relação à vida. Os terreiros de candomblé congregam negros, mulatos, brancos e estrangeiros que adotam e vivenciam essa perspectiva religiosa. Sendo que, as comunidades de candomblé possuem características próprias referentes à sua organização social com regra totalmente hierarquizada, bem como aos

respecti  
vos

processos de aquisição e transmissão de conhecimento. Esses padrões e maneiras de ser são passados e reafirmados, através da iniciação religiosa

e da vivencia constante num terreiro ou casa de santo. (GEERTZ 1978. apud MOURA 2006 p.103)

Embora na África haja registro de culto a cerca de 400 orixás, apenas duas dezenas deles sobreviveram no Brasil. A cada um destes cabe o papel de reger e controlar forças da natureza e aspectos do mundo, da sociedade e da pessoa humana. Cada um tem suas próprias características, elementos naturais, cores simbólicas, vestuário, músicas, alimentos, bebidas, além de se caracterizar por ênfase em certos traços de personalidade, desejos, defeitos, etc. Nenhum orixá é inteiramente bom ou inteiramente mal. Noções ocidentais de bem e mal estão ausentes da religião dos orixás no Brasil.

Quando as religiões negras se organizaram no Nordeste, no século XIX, elas permitiam ao iniciado a reconstrução simbólica, através do terreiro, da sua comunidade tribal africana perdida. Primeiro elas eram o elo com o mundo original. Representavam o mecanismo através do qual o negro africano e brasileiro podia distanciar-se culturalmente do mundo dominado pelo opressor branco. O negro podia contar com um mundo negro, fonte de uma África simbólica,



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

mantido vivo pela vida religiosa dos terreiros, como meio de resistência ao mundo branco, que era o mundo do trabalho, do sofrimento, da escravidão, da miséria. O negro durante o período colonial desenvolveu a habilidade de viver em dois diferentes mundos, pois era importante para evitar tensões e resolver conflitos difíceis de suportar sob a sua condição de escravo (BASTIDE, 1978, *apud* MARCONDES 2006).

Logo, o mesmo negro que reconstruiu a África nos candomblés reconheceu a necessidade de ser, sentir-se e se mostrar brasileiro, como única possibilidade de sobrevivência, e percebeu que para ser brasileiro era absolutamente imperativo ser católico, mesmo que se fosse também de orixá. O sincretismo se funda neste jogo de construção de identidade. O candomblé nasce católico quando o negro precisa ser também brasileiro. (Bastide, 1978, p. 62).

Quando se fala em candomblé, geralmente a referência é o candomblé queto, ou da chamada "nação" queto da Bahia, vertente em que predominam os Orixás e ritos de iniciação de origem iorubá. Essa nação tem seus antigos terreiros como os mais conhecidos e prestigiados do Brasil ao quais se sustentam com a nomenclatura de a Casa Branca do Engenho Velho, o Candomblé do Alaketo, o Axé Opô Afonjá e o Gantois. As mães-de-santo que alcançaram grande

prestígio e visibilidade na sociedade local tem sido dessas casas, como Pulquéria e Menininha, sua sobrinha-neta e sucessora no candomblé do Gantois; Olga, do terreiro do Alaketo; e Aninha Senhora e Stella, do candomblé do Opô Afonjá (BASTIDE, 1961, p. 493).

Segundo Prandi (1995), quando o candomblé, a partir dos anos 1960, deslança a caminho de se tornar religião universal, afrouxa-se seu foco nas diferenças raciais e ele vai deixando para trás seu significado essencial de mecanismo de resistência cultural, embora continue a prover esse mecanismo a muitas populações negras que vivem de certo modo econômica e culturalmente isoladas em regiões tradicionais do Brasil. As novas condições de vida na sociedade brasileira industrializada fazem mudar radicalmente o sentido sociológico do candomblé. Se até poucas décadas atrás ele significava uma reação à segregação racial numa sociedade tradicional, em que as estruturas sociais tinham mais o aspecto de testamentos que de classes, agora ele tem o sentido de escolha pessoal, livre, intencional (PRANDI, 1995 *apud* MOURA, 2006 p.05).

O candomblé administra a relação entre cada orixá e o ser humano que dele descende, evitando por meio da oferenda, os desequilíbrios dessa relação que podem provocar a doença, a morte, às perdas



# III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

materiais, o abandono afetivo, os sofrimentos do corpo e da alma e toda sorte de conflito que leva à infelicidade.

O candomblé é uma religião que afirma o mundo, reorganiza seus valores e também revestem de estima muitas das coisas que outras religiões consideram más: por exemplo, o dinheiro, os prazeres (inclusive os da carne), o sucesso, a dominação e o poder. O iniciado não tem que internalizar valores diferentes daqueles do mundo em que vive. Ele aprende os ritos que tornam a vida neste mundo mais fácil e segura, mundo pleno de possibilidades de bem-estar e prazer.

O seguidor do candomblé propicia os deuses na constante procura do melhor equilíbrio possível (ainda que temporário) entre aquilo que ele é e tem e aquilo que ele gostaria de ser e ter. Nessa procura, é fundamental que o iniciado confie cegamente em sua mãe-de-santo. Guiado por ela, o fiel aprende, ano após ano, a repetir cada uma das fórmulas iniciáticas necessárias à manipulação da força sagrada da natureza, o axé.

O conhecimento dos fundamentos religiosos como códigos sócio-culturais e parte das referências identitárias dos afros descendentes, possibilita a compreensão de que não há absurdo nas religiões de matriz africana no Brasil.

Para as religiões de matriz africana, de certa maneira, a eternidade da vida começa aqui, vivendo feliz, junto das

pessoas de quem se gosta. Não se contesta a plenitude de uma vida após a morte, mas também não há uma preocupação em alcançá-la. O que o adepto consciente das religiões de matriz africana espera depois da sua morte é, por um lado, ser digno dos ritos fúnebres, merecidos em virtude do seu processo de iniciação e, por outro lado, ser celebrado pela sua firmeza e seu compromisso com a tradição e com os fundamentos presentes nessa forma de sociabilidade.

Compreender os fundamentos das religiões de matriz africana como códigos sócio-culturais e educativos, referentes a outra forma de sociabilidade, pode ser um dos caminhos para afastar atitudes como a indiferença, a intolerância e o preconceito na educação escolar.

### **Candomblé: Resistência à Repressão**

É na Bahia, mais do que em qualquer outra região do país, notadamente na cidade de Salvador e no Recôncavo, fortemente marcados pela grande concentração de escravos africanos principalmente a partir do século XIX, que o forte contingente populacional negro mais consegue impor uma expressiva vigência dos valores civilizatórios afro-brasileiro.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

Com muito sacrifício, os povos negros edificaram durante séculos, as bases sólidas que sustentam e até hoje promovem a continuidade dos valores culturais que permeiam diferentes formas de lutas e auxiliam no esforço desenvolvido em busca de sua inserção na sociedade mais ampla.

Certo é que o negro soube criar e valer-se de situações sociais e culturais que lhes permitiram, de alguma maneira, alcançar resultados práticos, necessários à consolidação de alguns de seus interesses fundamentais. Segundo Braga (1995), é profundamente errôneo e preconceituoso imaginar que o negro foi apenas vítima do sistema social vigente e da classe social dominante que o comandava. Esse julgamento quase sempre aligeirado e presente em certas reflexões e estudos recheados de ufanismo, apenas serviu para esconder ou mascarar muitas ações do negro contra uma sociedade que insistia, nem sempre com sucesso, em empurrá-lo permanentemente para uma posição de inferioridade social. Essa visão distorcida da luta do negro em defesa de seus direitos mais elementares alimentou, por muito tempo, o que chamaríamos de “ideologia do coitadinho”, objeta e nociva, que somente corroborou a manutenção do preconceito e da discriminação racial.

(  
BRAGA

,1995.p.p, 17-18)

### **Representação da mulher no Candomblé**

Em suas pesquisas, Terezinha Bernardo Schettini, afirma que a Antropologia através de seus cento e tantos anos de vida, tem estudado, descrito e analisado as culturas humanas privilegiando a visão e a experiência masculinas dessas culturas, como se tal experiência naturalmente refletisse o todo cultural. Excetuando trabalhos como os de Landes (1939), só a partir da década de 70, nos EUA e em certos países da Europa, que antropólogos como Goodale (1971), Schelegel (1972), Chinas (1973), assumiram em suas etnografias a perspectiva da mulher, insuflado pelo reflexo dos movimentos feministas que ganharam impacto em fins dos anos 60 nestes países (BERNARDO. p.07).

No Brasil, no Candomblé que segue a orientação tradicional, a mulher é a sacerdotisa central. Por meio da “mãe de santo” é gerada toda a vida religiosa da comunidade, ela é a integradora dos membros do grupo. A este papel integrador da mulher, contrapõe-se, em certa medida a marginalização do homem na hierarquia religiosa. Já em 1939, Ruth Landes em “A Cidade das mulheres” indicava a comunidade do candomblé baiano como um verdadeiro matriarcado (BERNARDO, 1986, p. 09).



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

A religião, como um elemento cultural, é exercida na maior parte das sociedades, pelo elemento masculino. Além de fazer parte da cultura, a religião é uma forma de exercício de poder que interfere no cotidiano das pessoas. No entanto, existem religiões que apresentam a mulher no ápice da hierarquia. Essa contradição nos papéis desempenhados pelo elemento feminino com todos os papéis derivados de funções biológicas, e, portanto, ligado ao aspecto de reprodução e cuidados com a prole, com o trabalho doméstico, o que é visto como mais próximo da natureza; de outro lado, vê-se a mulher desempenhando papéis de importância na religião, aspecto por excelência da cultura. (Idem, p.17)

Em relação à implementação do Candomblé no Brasil, Bernardes (1986) afirma que os Nagôs possuíam uma organização social semelhante a um inimigo comum, o próprio sistema escravagista. Segundo a autora, não foi difícil a esses grupos entrarem em contato e estabelecerem práticas comuns para conseguirem sobreviver, quer material, quer culturalmente, em um mundo estranho e hostil onde eles se constituíam em grupo dominado e oprimido, os escravos.

As mulheres são portadoras de

muito axé e viabilizam sua expressão e preservação através dos rituais. O ritual é simbólico e a força da mulher nos cultos de base africana vai aparecer e sobressair, pelo princípio de equilíbrio de forças e pelo respeito aos papéis que desempenha. Faz de cada sujeito parte de um espaço que abriga todos. Por meio de palavras, gestos, sons, objetos, cânticos e movimentos, reconstruem a vida, recriam o mundo, libertam o ser humano, integrando-o a seu grupo (LOPES. 2007, p 5)

Segundo Bernardes (1986) as mulheres negras advêm de uma experiência histórica diferenciada, marcada pela perda do poder de dominação do homem negro por sua situação de escravo, pelo exercício de diferentes estratégias de resistência e sobrevivência. Enquanto a relação convencional de dominação e subordinação social da mulher tem como complementaridade a eleição do homem como provedor, temos o homem negro castrado de tal poder enquanto escravo e posteriormente aliado do processo de industrialização nascente.

A matrifocalidade presente no Candomblé não existe em termos de unidades isoladas. As famílias assim constituídas pertencem a “uma comunidade que tem vida com sua organização social e econômica específica, sua terra, produção, distribuição e consumo, sua população e seu mundo de



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

representação (BERNASDES, 1986, p. 110).

### **Porque falar sobre Candomblé na escola.**

Educar para a desconstrução do racismo e preconceito implica dispor-se o educador como quem também se educa. Precisa ele incluir-se no processo, senão correrá o risco de apenas prescrever normas, sem qualquer resultado positivo” (SILVA, 1998).

Nos questionamentos aos professores do CEAJA sobre a necessidade do ensino de História e Cultura Afro-brasileira nessa instituição todos responderam com unanimidade ser preciso sua inclusão, pois acreditavam ser a oportunidade de se discutir as questões étnicas, religiosa e de identidade cultural de pertencimento. Durante as entrevistas ficou evidente para quase todos os professores participantes, que o preconceito, a discriminação com o negro, com sua religiosidade acarreta, em sua maioria, devido a ausência de conhecimento de informação (SILVA, 1998 . p.32). Nesse sentido, por ser a escola um espaço de afirmação das identidades e que necessita reformular as práticas educativas. É importante que estudantes adeptos de religiões de matriz

africana  
e/ou

indígenas possam ver sua religião ser abordada como referência, bem como compreender que os fundamentos dessas religiões são códigos sócio-culturais e educativos referentes à outra forma de sociabilidade e, que podem ser um dos caminhos para afastar atitudes como a indiferença, a intolerância e o preconceito na educação. A diversidade se faz riqueza e deve conduzir à compreensão, ao respeito, à admiração e às atitudes pacificadoras (SANTOS, 1997)

Os conteúdos dessas religiões vêm sendo dinamicamente preservados, mesmo durante a perseguição dos senhores de engenho e diante da hostilidade e vigilância da Igreja Católica, da tentativa de seu embranquecimento por parte dos espíritas kardecista e, mais recentemente, da intolerância dos neopentecostais. Ainda assim, os terreiros de candomblés das nações Keto, Jeje, Angola e Efã, o Omolocô, o Terecô e algumas vertentes da Umbanda, em níveis diferenciados, constituem uma base significativa das religiões de matriz africana no Brasil. Em cada um desses segmentos religiosos, existem códigos sócio-culturais que reinstala linguagens e símbolos das religiosidades africanas. Há também trocas comunitárias que partilham saberes, experiências de vida e axé (força vital), nos processos de iniciação, na sacralização dos seres dos reinos vegetais, minerais e



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

animais, nas festas e nos rituais fúnebres. Tais experiências constituem-se em formas diferenciadas de estabelecer e compreender a relação entre cultura e natureza. Sendo essa última entendida como algo superior ao mundo criado pelos seres humanos. (SANTOS, 1997, p.93).

Infelizmente parte da sociedade ainda não consegue perceber que um terreiro de candomblé é antes de tudo um lugar de aprendizagem. Uma escola onde a primeira lição é o respeito, onde se aprende a respeitar as diferenças, pois na doutrina do Candomblé dá mesma forma que recebe um filho da casa, recebe também pessoas de qualquer crença ou filosofia. Recebe negro, branco, homossexual, prostituta. É uma escola onde desde criança se aprende o valor do respeito mútuo e a conviver em grupo respeitando uma hegemonia hierárquica.

Para o autor, diante desse tipo de indagação sempre deve evitar uma resposta imediata, e devolver a pergunta para compreender a posição dos educadores sobre o assunto, que no trabalho em questão quase sempre, começava afirmando que era católico e que estava acostumado a ouvir horrores sobre terreiros de Candomblés e centros de Umbanda, como espaço onde as pessoas eram possuídas por entidades diabólicas. Mas,

nunca tiveram interesse por esse tipo de manifestação religiosa. Como se pretendesse desculpar diante do seu desinteresse e desconhecimento sobre o assunto. Os sujeitos concluíam sua fala dizendo que não tinha nada contra os adeptos das religiões de matriz africana no Brasil. (SANTOS, 1997 p,24)

No desenvolver da pesquisa, ao perguntar aos professores se já haviam identificado em sala de aula alguns adeptos das religiões de matriz africana, a resposta demorava um pouco, mas era explicitada. Muitos não identificavam. E quando surgia, essa identificação resultava das brincadeiras de alguns alunos que apelidavam certos colegas de macumbeiros, feiticeiros e mandingueiros ou simplesmente diziam que fulano/a era espírita, tais atitudes era desconsiderada na escola, dizia-se que se tratava de algo banal nas brigas e brincadeiras de crianças e adolescentes no cotidiano escolar.

### **Os alunos e a temática racial e pertencimento religioso**

Tomando pelas entrevistas e como professora desses alunos entrevistados sinto-me envaidecida, mas não surpresa pelos seus posicionamentos, pois conhecendo a potencialidade desses sujeitos, que ficou claro nos seus depoimentos quando responderam sobre todas as questões levantadas de forma



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

precisa com segurança do que estava falando. O que ficou evidente é que quase sempre o aluno percebe o que passa despercebido pelos professores e pela administração da escola como: preconceito, discriminação, a negação identitária dos alunos, o desconhecimento de sua pertença. Os alunos acreditam

firmemente que a falta de abordagem de determinadas temáticas é que levam a esses fatos citados acima.

Os profissionais da educação, professores dentre outros profissionais da escola desconhece o que vários pesquisadores têm estudado e apresentado propostas de ações por parte da escola para a educação para a diversidade e de estímulo à reparação de silêncios sobre a África e o povo negro na história do Brasil.

Os atores pesquisados tendem a negar que há práticas racistas nas escolas e os xingamentos e apelidos de cunho racista são justificados, inclusive por professores, como “brincadeiras”. Todos tendem a se declarar contra o racismo, o preconceito, o que de alguma forma colabora para que não se discutam e não se proponham formas de identificar sutis manifestações de discriminações e tratamento diferenciado a alunos brancos e negros, principalmente por professores ou a reconhecer que os apelidos de teor racista,

mesmo  
que

aceitos pelos vitimizados, doem e causam sequelas identitárias. O comum é de novo a referência de que na escola todos são tratados como iguais. Nossas entrevistas corroboram os achados de Cavalleiro em pesquisa desenvolvida em 1998 em uma escola municipal de educação infantil em São Paulo (CAVALLEIRO, 2001).

Segundo Cavalleiro (2000, p 32), “de acordo com diversos estudos nas escolas brasileiras, o racismo aflora de inúmeras formas, ocultas ou não. Conseguir lançar alguma luz sobre os conflitos étnicos no âmbito da educação escolar representa o interesse central de muitos pesquisadores que estudam essa questão”.

Nas entrevistas foi evidenciado, que são poucos os professores que percebem o preconceito religioso e as atitudes racistas na sala de aula. Alguns professores nem percebem que trabalham em uma escola em que 90% dos alunos são negros e com a alta estima baixíssima. Para alguns desses professores na sala de aula todos se dão bem, se respeitam.

Esses dados da pesquisa reforçam a urgência da construção de uma educação para a diversidade cultural, étnica, racial e religiosa. Além disso, nos estimula descobrir quais os elementos do racismo possivelmente as pessoas utilizam para construir suas concepções no caso em questão sobre a religião de matriz africana



# III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

ouviram falar sobre essas religiões e quase sempre de forma pejorativa, preconceituosa, embora a maioria acreditem ser toda essa intolerância reflexo da ignorância, do pouco conhecimento, do julgar pelo que ouvem falar, e não pelo que realmente vivenciaram. Todos, independente de ter um credo ou não se posicionaram contra qualquer tipo de intolerância ou preconceito, no caso em questão, os direcionados ao candomblé e a umbanda, acreditam que todos têm direito de professar a sua fé independente de que religião seja.

No entanto, quando se analisa, no decorrer da nossa história, a temática das relações raciais, de modo específico no campo educacional, há evidências através de várias pesquisas que a discriminação, a intolerância é manifestada nos diversos âmbitos da escola, seja nos livros didáticos (SILVA, 2001, p, 36), nos conteúdos e projetos trabalhados ou omitidos, no silêncio dos professores frente às ações preconceituosas e/ou discriminatórias no cotidiano escolar (CAVALLEIRO, 2003). E mesmo as escolas que se dedicam a discutir a questão racial, visando à valorização da cultura negra contra a discriminação, percebem que se trata de uma tarefa árdua, que resulta, na maioria

das vezes, em ações isoladas, exercidas

educadores negros e/ou que se dedicam ao estudo do tema em questão. Estes, apesar de escassos são agentes importantes no processo de resistência e luta contra o racismo, a intolerância e toda forma discriminação. Essa perspectiva de compreensão contribui para que o/a estudante negro/a, e, também não-negro/a, adepto/a das religiões de matriz africana, possa ver sua religião ser abordada na escola como uma referência identitária positiva. Retomo, assim, um dos aspectos do primeiro pressuposto deste trabalho: o de que a escola é um espaço e tempo de afirmação de identidade. Certamente, isso exige um esforço muito grande de educadores/as deste nosso País, com relação à mudança de mentalidade e práticas educativas.

Para concluir, ressalto que as questões relacionadas à aceitação e legitimidade das religiões de matriz africana podem também ser pensadas pelo não reconhecimento de que Deus, o Ser Supremo, O Eterno, tem outras maneiras de se fazer presente no meio da humanidade. Os orixás, os inquices, os vondus e os ancestrais constituem-se outras palavras de Deus na história da humanidade.

por

**REFERÊNCIAS:**

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

[www.conedu.com.br](http://www.conedu.com.br)



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

ALVES-MAZZOTTI, A. J.;  
GEWANDSZNAJDER, F. **O Método nas  
ciências naturais e sociais: pesquisa  
quantitativa e qualitativa.** 2. ed. São  
Paulo: Pioneira, 1998.

BASTIDE, R. **As Religiões Africanas no  
Brasil.** São Paulo: Ed.USP. 1971.

BERNARDO Terezinha Schettini. **A  
Mulher no Candomblé e na Umbanda.**  
Pontifícias Universidade Católica. São  
Paulo. 1986. (Dissertação de mestrado

apresentada ao programa de Estudo pó  
graduados em Ciências Sociais da  
PUC/SP.

\_\_\_\_\_. **O Candomblé da Bahia: rito  
nagô.** Trad. Maria Isaura Pereira de  
Queiroz. São Paulo:Brasiliana, 1978.

BOAVENTURA, Edivaldo M.; SILVA,  
Ana Célia da. **O Terreiro, a quadra e a  
roda: formas alternativas de educação  
da criança negra em salvador.**  
Salvador:EDUFBA, S/D.

BRAGA, Julio. **Na gamela do Feitiço:  
Repressão e resistência nos candomblés  
da Bahia.** Salvador. Edufba, 1995.

BRASIL, Lei nº10639 de 9 de janeiro de  
2003.Ministério da Educação. **Diretrizes  
Curriculares Nacionais para a Educação  
das Relações Étnicos Raciais e para o  
Ensino de História e Cultura Afro-  
Brasileira e Africana.** MEC/SECAD.  
2005.

CAVALHEIRO, Eliane dos Santos. **Do  
Silêncio do Lar ao Silêncio Escolar:  
Racismo, Preconceito e Discriminação  
na Educação Infantil.** São Paulo:  
Contexto, 2000.

\_\_\_\_\_. (org.). **Racismo e anti-racismo na  
educação: repensando nossa escola.** São  
Paulo: Summus, 2001.

CUNHA Jr, Henrique. **Candomblés:  
como abordar esta cultura na escola.**  
Revista Espaço Acadêmico. Ano IX, Nº  
102- Nov./2009.

\_\_\_\_\_.O ensino da História Africana.  
[http://www.historianet.com.br/conteudo/de  
fault.aspx?codigo=499](http://www.historianet.com.br/conteudo/de_fault.aspx?codigo=499), acesso em  
10/12/2012.

LÜDKE, M; ANDRÉ, M. E. D. A.  
**Pesquisa em Educação:** abordagens  
qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MINAYO, M.C.S. (Org.). **Pesquisa  
Social: teoria, método e criatividade.** 29  
ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de  
(org.). **Culto aos orixás, vodus e  
ancestrais nas religiões afro-brasileiras.**  
Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

\_\_\_\_\_. **Candomblé: religião do corpo e  
da alma:** tipos psicológicos nas religiões  
afro-brasileiras. Rio de Janeiro, Pallas.  
2000.

MUNANGA, Kabengela. **Negritude: usos  
e sentido.** Belo Horizonte. Ed Autêntica,  
2009- coleção Cultura Negra e Identidade.

NEVES, José Luis- Mestrando do curso de  
pós-graduação em Administração de  
Empresas- FEA-USP-2006

SILVA, Petronília Beatriz Gonçalves:  
**Aprender, ensinar e relações ético-  
raciais no Brasil.** Educação. Ano XXX, nº  
3 (63), p. 489-506, set/dez 2007.